

Liliane Vasconcelos de Jesus

# Modos de dizer a cidade contemporânea

## desafios de ler e escrever Salvador

### Resumo

*A cidade faz parte das discussões afeitas à contemporaneidade. Por mais complicada que possa parecer, a urbe exerce um fascínio inevitável, não somente por despertar o desejo de compreender o momento atual, como também por seu papel como pedra de toque no desfile da complexidade humana. É, nesse sentido, que perceber a cidade diante de sua condição física e de objeto do discurso converte-se em proposta, em tema, em problema, em constituição simbólica para uma representação que busca dar conta da experiência urbana atual e dos discursos que a representam. A partir dessa perspectiva, o presente trabalho busca refletir criticamente sobre as imagens que representam a capital baiana instituídas pela literatura e pela mídia contemporânea.*

Cidade

Salvador

Representação

Imaginário urbano

Contemporaneidade

### Abstract

*The city is part of the discussions affected by contemporaneity. As complicated as it may seem, the city has an inevitable fascination, not only for awakening the desire to understand the current moment, but also for its role as a touchstone in the parade of human complexity. It is in this sense that to perceive the city before its physical condition and object of the discourse becomes a proposal, a theme, a problem, a symbolic constitution for a representation that seeks to give an account of the current urban experience and the discursive ones that represent it. From this perspective, the present work seeks to reflect critically on the images that represent the Bahiana capital instituted by literature and contemporary media.*

City

Salvador

Representation

Urban imaginary

Contemporaneity

*Salvador não é para principiantes. Braços abertos podem afagar ou sufocar. Esse dualismo que se estende numa terceira via, quebrando os princípios da lógica, não clarifica, mas ajuda a enxergar esta cidade. (FILHO, 2014, p. 201)*

Uma cidade como Salvador jamais é, de fato, aquilo que falam dela. Como uma sedutora que não se deixa ver por completo, ela tem o poder de exercer um fascínio encantador num primeiro contato – mas, como aconselha o escritor João Filho, ela não é para principiantes. Muito mais do que demarcações binárias, a cidade não se deixa emoldurar, tende a escapar sempre a qualquer tipo de enquadramento que tenta apreendê-la por inteiro.

“[...] Salvador em si não se contém.” (FILHO, 2014, p. 235). Assim João Filho encerra o verbete que define a capital baiana no seu *Dicionário amoroso de Salvador*. Lançado em 2014 como projeto direcionado a interpretar o tecido urbano das cidades brasileiras, o livro é uma proposta de leitura e apreensão de Salvador a partir do olhar e das experiências urbanas do escritor João Filho pela cidade. Interessante é perceber que a cartografia que se divisa através dos verbetes literários da cidade – catalogados pelo autor – se constitui de potentes imagens que, dialogando com a obra *Guia de ruas e mistérios da cidade*, de Jorge Amado, (primeira edição publicada em 1945), deram/dão sentido ao leitor e ao viajante de outra Salvador.

No *Dicionário amoroso de Salvador*, é traçado um perfil contemporâneo das ruas e dos principais personagens que ainda podem ser identificados ou lembrados no cotidiano de uma cidade em que os fluxos são desestruturadores da paisagem tradicional.

Uma amiga chilena veio morar em Salvador, por motivos que agora não me vêm ao caso. Nas nossas conversas, o tema do estranhamento dela em relação à cidade vinha sempre à baila. Mulher viajada e lida, não conseguia dar conta do que era Salvador. Era Ásia? Era África? Portugal com fundos vincos árabes? Entre fascínio, estranheza e, terei que dizer, certa recusa, ela soltava: é uma confusão! (FILHO, 2014, p. 160)

João Filho traz à baila, ora com humor, ora com ironia, uma Salvador marcada por uma singularidade e/ou por uma diferença que não se deixa enredar por inteiro, há sempre algo que nos escapa e não se aceita definir: “Salvador é a confusão, todavia, algébrica. E expandida.” (2014, p. 161). A partir dessas tentativas de equacionamento, o texto enfatiza uma cidade confusa, resistente à apreensão por conta de suas peculiaridades culturais, que podem ser demarcadas princi-

palmente a partir da língua falada no cotidiano das ruas, avenidas e ladeiras da cidade. Foram essas particularidades cotidianas, aliás, que levaram o escritor Nivaldo Lariú a construir o *Dicionário de baianês*<sup>1</sup>. Reproduzimos, abaixo, a título de ilustração, alguns dos saborosos verbetes coligidos por Lariú:

Temos, portanto, nos textos de João Filho e de Nivaldo Lariú, possibilidades de leituras do cotidiano de Salvador narradas através de experiências urbanas que tentam definir o dia a dia da cidade. A percepção se dá a partir dos verbetes reunidos nos dois dicionários, que registram a cidade como o espaço da exclusividade, seja pela língua falada ou, mais especificamente, pela presença da diversidade cultural que a compõe.

Evidentemente, os dois textos mencionados acima são livros que buscam inscrever Salvador para leitores e viajantes que, através da cidade escrita, interpretam seu texto urbano. Em outras palavras, podemos considerar esses dois escritos, conforme denomina Guattari (2000), como uma produção de “subjetividade da cidade”, ou seja, uma produção de narrativas da cidade na qual a legibilidade da urbe representada se institui em um potente repertório sobre modos de dizer a cidade contemporânea. São experiências que ajudam a imprimir outras tantas cidades coexistentes no tecido urbano de Salvador, porém as tentativas de leituras e definições desses dois dicionários<sup>2</sup> despertam atenção diante da configuração da capital baiana marcada por uma singularidade ou, mais precisamente, por uma diferença que constrói um amplo repertório imagético sobre a cidade, reelaborado em diferentes linguagens e temporalidades. Curiosamente, essa constatação ganha mais intensidade quando se verifica que imagens que dialogam com o imaginário defendido por esses autores são oficializadas pela prefeitura de Salvador.

Apesar da multiplicidade abrangida por essas representações, interessa-nos refletir neste momento sobre a construção imagética desenvolvida a partir do corpo negro e da cultura afro-baiana, marcando o diferencial oficializado da cidade. Havendo semelhanças ou não para os leitores, o sentido que Salvador ganha no vídeo promocional é o de uma cidade que se assume diferente por ser diferente.

Já me explico. O vídeo promocional é de 2014

1 O livro, uma espécie de glossário do falar baiano, teve sua primeira edição publicada em 1992 e hoje se encontra na vigésima.

2 O dicionário de João Filho tem uma perspectiva predominantemente conotativa, usando de recursos líricos na definição dos verbetes que significam Salvador. Já o de Nivaldo Lariú consiste em um glossário com utilização de linguagem muito mais denotativa na tentativa de registrar o falar coloquial regional da capital baiana.

Colé, meu bródi!	Olá, amigo.
Colé, misera!	Olá, amigo.
Tô em água!	Estou bêbado.
Colé, men!	Olá, amigo.
Diga aê, desgraça!	Olá, amigo.
Digái, negão!	Olá, amigo. (independente da cor do amigo)
E aí, viado!	Olá, amigo. (independente da orientação sexual do amigo)
E aê, meu rei!?	Olá, amigo.
Ô, véi!	Olá, amigo.
Diga, mô pai!	Oi para você também, amigo!
ÊA!	Olá, amigo.
Colé de mêmro?	Como vai você?
É niuma, miserê	Sem problemas, amigo.
Relaxe mô fiu	Sem problemas, amigo.
Cê tá ligado qui cê é minha corrente, né veí?	Você sabe que é meu bom amigo, não é?
Bó pu regui, negão?	Vamos para a festa, amigo?
Aí cê me quebra, né bacana	Aí você me prejudica, não é, meu amigo?
Aooonde!	Não mesmo!
Eu tô ligado que cê tá ligado na de colé de merma	Estou ciente do seu conhecimento a respeito do assunto.
O brother tirou uma onda da porra.	O cara se achou.
Tá me tirando de otário é?	Está me fazendo de bobo?
Tá me comediando é?	Está me fazendo de bobo?
Se plante!	Fique na sua.
Se bote ae, vá!	Chamada ao combate físico
Eu me saí logo	Eu evitei a situação.
ôxe!	Todo baiano usa essa expressão para tudo, mas um forasteiro nunca acerta quando usa.
Lá ele! ou Lá nele	Eu não, sai fora, ou qualquer outra situação da qual a pessoa queira se livrar ou passar para outro.
Lasquei em banda!	Meteu sem dó nem pena.
Biriba nela mô pai	Manda ver! (no sentido sexual da coisa)
Ó paí ó*	Olhe para aí, olhe!

Fonte: LARLÚ, Nivaldo. Dicionário de baianês. Salvador: Editora do Autor, 1992.

#### Quadro 1: Verbetes do Dicionário de baianês

\* Essa expressão foi utilizada pela primeira vez pelo capitão português Manoel da Padaria a frente da Nau Bolseta, que por infortúnio (leia-se burrice) perdeu-se da frota portuguesa no caminho para as índias e veio parar na Bahia. Desde então, foi resgatada pelo povo baiano, assíduo leitor de Camões, já que se trata de um texto apócrifo d'Os Lusíadas, que nem os portugueses sabiam (nenhum jamais concluiu a leitura do clássico). É muito usada por aqui, tanto que virou filme, peça teatral, música, marca de refrigerante, água de coco, barzinho, cerveja, igreja...

e tem início com o som de tambores, seguido por imagens de ondas do mar colidindo com as pedras da praia. São cenas rápidas, lançadas com o intuito de descortinar a cidade através dos sentidos. O primeiro deles, após o movimento de abertura citado no parágrafo anterior, é o paladar<sup>3</sup>. A cidade convi-

<sup>3</sup> A comida feita de dendê é uma das marcas identitárias que conferem à cidade de Salvador uma identificação de baianidade. A culinária baiana, utilizando o dendê, foi bastante propagada, tanto na literatura escrita por Jorge Amado quan-

to nas músicas que falam de Salvador, dentre muitos outros veículos, construindo toda uma mística sobre o paladar local. Vale ressaltar que boa parte da comida baiana sofreu influência africana. Como fruto dessa influência e resistência, o acarajé, que surgiu primeiramente como oferenda nos terreiros de candomblé da Bahia, em 2004 foi reconhecido como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Segundo o então ministro da cultura Gilberto Gil, “as decisões tomadas foram fundamentais para a preservação da cultura e da identidade baianas”. De fato, esse reconhecimento, além de fortalecer tais laços de representação para a cidade, possibilitou que as atividades

da o telespectador a senti-la através dos seus sabores. Como não poderia deixar de ser, em se tratando de Salvador, a comida apresentada é feita com dendê: uma baiana acolhedora oferece um vistoso acarajé para o visitante. Durante a degustação, a imagem é entremeada a uma legenda que informa: a boca arde. Ao fundo do quadro, a arquitetura antiga dos caseiros do Pelourinho se destaca. O tom da narrativa é marcado pela cadência de cantos de origem africana, que se intensificam e constroem um ambiente de mistério e de sacralidade, ao fazer menção ao sentido posterior que é o tato, definido através do contato da pele negra com as águas do mar: a pele salga.

A visão é lembrada como sentido que eterniza as tradições da cultura popular de Salvador. Baianas negras, com seus potes de água de cheiro, são representadas diante da Igreja do Senhor do Bonfim. A cidade convida a perceber a audição pela batida do peito, que pulsa através do toque dos tambores tocados por três percussionistas negros nos espaços antigos da cidade. Assim, Salvador se apresenta através dos sentidos, exibindo, para além deles, a diferença.

A mídia publicitária ressalta uma cidade construída a partir de um conteúdo e repertório da diferença – a cultura afro-baiana –, da qual emanam representações que a consagram, no cenário nacional e fora dele, como uma cidade singular. Nesse sentido, a ótica da diferença parece tentar enredar Salvador a partir de uma estética contemporânea, que se dá pelo espaço e desejo de alteridade. Essa pretensa especificidade, é claro, não passa de uma forma de ler a cidade atual como estratégia de espetáculo. Não pretendo aqui enveredar pelas questões de mercado, mas perceber as táticas e desafios de ler a “escrita-desenho”, para lembrar Renato Gomes (2008), da capital baiana na contemporaneidade.

A diferença que se institui como um imaginário para a cidade é marcada principalmente por sons, imagens e cores de um repertório ligado à cultura dos negros que habitaram/habitam o território baiano. É interessante atentarmos, conforme salienta Eneida Cunha (1999, p. 1), que esse repertório se institui por “traços identitários resistentes” que consagram o discurso da afro-baianidade.

A resistência se consolidou principalmente na luta de afirmação, em que negros e negras se empenharam na capital baiana contra valores e modelos pautados por padrões brancos eurocêntricos. Aquilo que por tanto tempo na história da cidade de Salvador foi símbolo de atraso e repúdio – a diferença oriunda da cultura e do comportamento dos negros nas ruas da cidade – tornou-se, a partir do século XX

(mais especificamente a partir da década de 1950), símbolos e imagens elaborados para representação da cidade, com base em uma etnicidade fictícia. Como salienta o historiador João Reis (1988, p. 9), “[...] a singular identidade da Bahia no Brasil tem muito a ver com a densidade de sua população negra e o vigor de sua cultura de origem africana”. Vale lembrar aqui que, desde a década de 1930, a assimilação da cultura negra pela cidade letrada começa a ser decalcada pela produção local<sup>4</sup>, embora a intelectualidade da cidade ainda pensasse pertencer a modelos e valores tradicionais eurocêntricos.

Se levarmos em consideração que a imagem da cidade, ou mais exatamente o perfil que a representa, depende muitas vezes das necessidades e circunstâncias que gravitam em cada época, Salvador passa a ser pensada e representada através do conteúdo simbólico da diferença, pautada historicamente pela emergência cultural da matriz africana<sup>5</sup>.

Evidentemente, a instituição desse imaginário atravessou diversas temporalidades, sofrendo muitas ressignificações. Na atualidade, a cultura negra é o elemento principal na representação de Salvador. Mas, embora seja o centro das representações, contraditoriamente, isso não significa dizer que os negros, como sujeitos sociais, tenham cidadania plena nos espaços da cidade. Segundo Antonio Risério (1995, p. 66), “[...] usando livremente os conceitos de Gramsci, podemos afirmar tranquilamente que na Bahia [Salvador] de hoje, a cultura negromestiça não é dominante, mas é, certamente, hegemônica”. Na prática, o exercício dessa hegemonia não garante poder nem tampouco igualdade econômica aos cidadãos negros da cidade, pois são eles que habitam a maior parte das favelas, morros, ruas e periferias da cidade. Assim, a problemática se manifesta, sobretudo, pela

4 O romance *Jubiabá*, de Jorge Amado (2001), publicado originalmente em 1936, por exemplo, trouxe para o centro da narrativa um personagem negro e a cultura negra presente na cidade da Bahia.

5 A partir da década de 1950, começa a ganhar destaque em Salvador certa afirmação da cultura negra. Embora essa abertura tenha surgido em uma perspectiva ambígua, percebe-se um grande espaço de abertura para a organização e práticas culturais afro-brasileiras. A religião de matriz africana – o candomblé –, a cozinha do azeite, a capoeira e as artes populares ganham visibilidade na vida cultural de Salvador, que passa por significativas transformações, com a construção da Universidade Federal e, logo em seguida, do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). A cidade letrada se volta para o cotidiano e para as tradições presentes na cidade. Na década de 1970, período da criação do bloco afro Ilê Ayê, a afirmação da negritude se consolida em diversos setores da sociedade baiana: “As raízes africanas reinventadas foram revividas na percussividade, nas músicas, no vestuário, nos comportamentos, criando um sentimento de negritude como referencial identificador.” (CUNHA; ALVES; BACELAR, 2004, p. 21).

das baianas de acarajé fossem regulamentadas como profissão (FRANCISCO, 2004).

desigualdade socioeconômica e pela mais perversa intolerância religiosa, que ainda imperam nas ruas, esquinas e becos da capital baiana. É razoável afirmar que há claras evidências de que a hegemonia cultural, na prática cotidiana da cidade, ocorre sob tensão.

Em outro vídeo publicitário, *Salvador destination*, a cidade dos sentidos e da diferença parece se contradizer, na medida em que apresenta o paradoxo de uma cidade que se quer tradicional e, ao mesmo tempo, moderna, mas se representa totalmente embranquecida. Como afirma a professora Ana Célia da Silva (2010, p. 160): “Nós estamos no século XXI, que é o século onde as diferenças e suas diversidades serão contempladas através do conhecimento, do reconhecimento e da interação das diferenças.” O vídeo, portanto, destoa por inteiro das imagens de interação, reconhecimento e convívio com a alteridade. As imagens divulgadas pela película destoam em todos os sentidos da capital baiana que se mostra e se vende enquanto uma cidade negra.

As contradições se assemelham àquilo que o escritor João Filho (2014, p. 160) declarou sobre Salvador: “[...] suas desavenças consigo mesma parecem numa primeira mirada não lhe causar constrangimentos.” Salvador não se intimida diante de deslocamentos de sentidos e representações ambíguas, que mais uma vez nos solicitam estratégias textuais diversas de interpretação.

No curta publicitário, construído pela empresa *Salvador destination*, idealizado com o intuito de promover a cidade para o turismo, a capital baiana mais uma vez tenta ser lida pela mídia atual. Nas imagens percebemos uma cidade lida do alto e embranquecida. São representações que retratam uma urbe ligada tanto às tradições (arquitetura antiga do Pelourinho) quanto aos espaços em amplo desenvolvimento (arranha-céus, sistema de transporte moderno o metrô etc.). A música, em diálogo com as imagens de Salvador, convida o visitante a desfrutar da cidade da felicidade, de um povo encantador, de sua rara e ampla hospitalidade. Até aqui, nada demais para um vídeo com o intuito de promover imagens de uma cidade, a fim de atrair turistas; o que causa estranheza nas imagens exibidas na tela é uma cidade como Salvador ser representada por uma perspectiva totalmente embranquecida. A cidade ideal mostrada pelas imagens não é habitada por negros, eles não são convidados a frequentar os espaços da cidade midiaticizada pelo vídeo<sup>6</sup>.

Primeiramente, as tomadas da cidade apresentadas pela filmagem acontecem sempre do alto, os

turistas não são convidados a experienciar a cidade, a interagir com o espaço público, com a rua. São planos interligados em *travelings* que constroem um olhar em suspensão dessa cidade. Os pontos turísticos (que concentram os momentos em que os atores brancos estão na cidade) nos são apresentados como esvaziados, a cidade ideal parece não precisar ser habitada. A interação e a sociabilidade da cidade se realizam apenas em espaços fechados, ambientes privados, protegidos, habitados por indivíduos caucasianos, nos quais se pretende caminhar com segurança. Nesse contexto, o *shopping* é representado como o lugar possível para uma visita confortável na atual Salvador. São imagens geradas do alto de um prédio grande e de arquitetura moderna. Trata-se do Shopping Barra, inaugurado como o “*shopping de toda gente*”, onde ricos e pobres, brancos e negros representam a possível interação do visitante com a cidade.

“O *shopping center*, seja qual for sua tipologia arquitetônica, é um simulacro de cidades de serviços em miniatura, onde todos os extremos do urbano foram liquidados [...]” (SARLO, 1997, p. 14) e é nessa perspectiva que o vídeo *Salvador destination* parece trabalhar, para vender imagens da cidade contemporânea, na qual os espaços fechados se sobrepõem à própria cidade. Significativamente, a gente desse *shopping*, apresentada na tela, faz parte de uma camada da população composta por pessoas brancas que caminham e consomem. A chave de interpretação para esse vídeo, supomos, talvez seja sugerir que a vida alegre e festiva da cidade, na atualidade, só seja possível nos espaços cindidos e vigiados, guiados pelo desejo do consumo e de uma suposta alegria, como no exemplo do centro de compras. A multidão, tão característica das imagens que representam o Carnaval de Salvador, é reduzida a um pequeno grupo de pessoas brancas que, embora estejam na rua do centro histórico, não estão inseridas na multidão.

Também nessa cena as ruas estão esvaziadas, não há multidão, não há interação. Na verdade, notamos que o espaço público, nesse vídeo, é o lugar do não convívio. A ideia de cidade que representa a diferença, em conexão com os espaços citadinos, se vê prejudicada, já que a cidade imaginada não dialoga com a Salvador “real”. Porém, vale ressaltar que as referências à tradição, apesar de tudo, ocorrem, por meio da menção à capoeira.

Outro possível viés para se empreender uma leitura da Salvador de hoje se dá pela ótica da exclusividade, representada pela ideia do culto à origem, do culto à primazia, como podemos perceber em algumas músicas interpretadas por cantores locais. Nelas, a capital baiana é reverenciada como sendo o berço sagrado, o lugar da raiz. Só para citar alguns exem-

<sup>6</sup> Esse vídeo causou grande repercussão na internet por ser considerado um vídeo racista em pleno século XXI. (VÍDEO, 2015).



plos temos: “Ilê Ayê/ Quem era eu pra quem hoje sou/ Tô catulado/ Tô santificado/ Sou bem nascido de Salvador” (BROWN, 2015). A cidade é cantada até os dias atuais como sendo o lugar onde tudo começou: “Que nação é essa do samba primeira capital brasileira/ Que o axé consagrou/ Que balança o mundo/ que arrasta massa/ Na capital da Bahia/ na capital da alegria/ Tem poeta na praça” (MERCURY, 2016).

Além da música, o *slogan* publicitário que representa atualmente a cidade, na gestão do prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto, conhecido popularmente como Netinho, também se pauta na ideia de nascimento: “Prefeitura de Salvador, primeira capital do Brasil.” Essas recentes imagens comungam na verdade com a precisão da memória de ver Salvador como lugar da origem do país. Daí a tamanha importância que se dá ao fato, consagrando-o como um dos símbolos que diferenciam a cidade.

Sabemos que a memória aparece na contemporaneidade como importante caminho para dialogar com as questões conflitantes do atual momento nas cidades e o interessante é perceber aqui como, nas imagens do passado, o discurso da memória<sup>7</sup> surge como possibilidade de acesso e registro de Salvador no presente. É cada vez mais intensa a necessidade de retorno ao passado, como um desejo e sentimento de cidade que marcam os discursos que representam a capital baiana.

É preciso pôr em dúvida todo princípio que enreda Salvador em quadros fixos e em cartões-postais únicos, que delinea a cidade e a vende para o turismo. Muito mais do que vê-la, é necessário interpretá-la, para não se deixar envolver pelos discursos que por tanto tempo constituíram Salvador, pois, como afirma Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 18): “Ler a escrita da cidade e a cidade como escrita é buscar o legível num jogo aberto sem soluções.”

A cidade faz parte das discussões afeitas à contemporaneidade. Por mais complicada que possa parecer, a urbe exerce um fascínio inevitável, não somente por despertar o desejo de compreender o momento atual, como também por seu papel como pedra de toque no desfile da complexidade humana. O espaço urbano é infalível para essas percepções, uma vez que a própria cidade é uma construção no espaço, como

7 Foge ao escopo deste trabalho uma discussão mais ampla sobre a questão da memória a partir da perspectiva do patrimônio histórico, que na atualidade é acessado através da mercantilização das cidades. Como afirma Paola Jaques (2010, p. 162), essa “[...] fórmula passou a ser conhecida de todos os discursos contemporâneos, quase esquizofrênicos: propostas preservacionistas para os centros históricos que se tornaram receptáculos de turistas”. A questão da memória como recurso para acessar a cidade atual, por sua vez, será discutida em outra seção.

afirma Kevin Lynch (1988), que pode ser notada no decorrer do tempo.

Segundo Pechman (2002), para que exista a cidade, não basta nomear o aglomerado de pedras, é necessário dar-lhe enquadramento em uma teia discursiva na qual ela passe a ser reconhecida não somente em sua alma mineral, mas na fluidez de um discurso que a represente. Tornar a cidade uma cadeia discursiva, por conseguinte, é percebê-la através da passagem da condição de um simples cenário para a condição de palco da existência humana. Nesse palco, a forma física é insuflada por fluxos e refluxos discursivos, que fazem a pedra se constituir em uma estrutura física do convívio e do comportamento dos grupos sociais. É da interação do homem com o espaço físico em que habita que se constitui a matéria discursiva para nomeação de cidade, captada diante das suas múltiplas representações. A cidade, concebida diante de sua condição física e de objeto do discurso, converte-se em proposta, em tema, em problema, em constituição simbólica para uma representação que busca dar conta da experiência da vida social.

Os processos de metaforização são estratégias que buscam sustentar a leitura da cidade tal qual um texto cuja tessitura vai tornando-se cada vez mais volátil, rarefeita: o sentido da cidade como um lugar intimamente ligado aos obstáculos para dizer o que ela poderia significar. (GOMES, 1994, p. 78).

As inúmeras possibilidades de representação da cidade estão articuladas a diversos discursos significativos, desde os documentais (históricos, jornalísticos, midiáticos) até os artístico-fotográficos (literários e cinematográficos). Todas essas imagens são articuladas por estratégias de metaforização que projetam sentidos, os quais, por sua vez, possibilitam uma cadeia discursiva na leitura da cidade.

Os discursos buscam representar o universo citadino (imaginário social) e atribuem à cidade *status* de texto, dando-lhe sentido, memória, identidade – enfim, constituindo-se no corpo discursivo de sua existência a partir do “viver em cidades”. Precisamos de textos que nos enviem o que vemos, para que reconsideremos o visto como texto. Assim é a cidade e, para que possamos entendê-la, é preciso interpretar os diversos discursos que a constituem e a representam.

A cidade se forma e se transforma a cada instante. A cada leitura e a cada olhar uma nova cidade se configura diante de quem a vê, conforme perspectivas variadas de conhecimento e apreensão do visível. Assim, os objetos que conformam o cenário da zona urbana são expostos a análises, mas cada ângulo de visão, cada interpretação modificam esse espaço. Cada leitura, seja ela feita através do conhecimento

urbanístico, filosófico, histórico, literário, cinematográfico, seja ela feita através de um olhar subjetivo, traz consigo abordagens variadas na forma de ver e perceber a cidade, contribuindo para a melhor compreensão da paisagem urbana. Por isso é que é preciso pensar os desafios de ler e escrever uma cidade como Salvador, que traz no cerne de suas representações a imagem da diferença. Como se coloca a questão do convívio nessa cidade, onde a diferença parece apaziguar os conflitos internos da experiência urbana?

Nessa empreitada, tem importante papel a comparação entre imagens versando sobre Salvador narradas tanto pela literatura quanto pela mídia produzidas entre 2000 e 2015. Acessar essas produções, gestadas de múltiplos desejos de cidade, de diferentes ideários, que irão se manifestar em representações infundáveis, significa buscar dar conta das transformações e/ou recorrências de imagens que fazem do tempo e do espaço o modo de ser, ler e ver a cidade, enfim a possibilidade de reflexões que ajudam acessar a urbanidade.

## REFERÊNCIAS

### LIVROS

- AMADO, Jorge. **Bahia de Todos-os-Santos**: guia de ruas e mistérios. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. **Jubiabá**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CUNHA, Eneida L. **Cenas e cenários da cidade negra**. 1999. Disponível em: <<https://goo.gl/7sm9Ec>>. Acesso em: 10 dez. 2015.
- CUNHA, Eneida L.; BACELAR, Jerferson; ALVES, Lizir A. Bahia: colonization and cultures. In: VALDEZ, M.; KADIR, D. **Bahia**: colonização e culturas. New York, USA: Oxford Univ. Pres, 2004. p. 551-565. (Volume 2).
- FILHO, João. **Dicionário amoroso de Salvador**. Anajé, BA: Casarão do Verbo, 2014.
- GOMES, Renato C. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOMES, Renato C. “Da metrópole à cibercidade: cultura e cosmopolitismo”. In: MARGATO, Isabel (Org.); GOMES, Renato Cordeiro (Org.). **Espécies de espaço**: territorialidades, literatura, mídia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 179-196.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2000.
- JAQUES, Paola B. “Zonas de tensão: em busca de microrresistências urbanas”. In: BRITTO, Fabiana D.; JAQUES, Paola B. **Corpocidade**: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 108-119.
- LARIÚ, Nivaldo. **Dicionário de baianês**. Salvador: Editora do Autor, 1992.
- LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- PECHMAN, Robert M. **Cidades estreitamente vigiadas**: o detetive e o urbanista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- REIS, João J. (Org.). **Escravidão e invenção da liberdade**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- RISÉRIO, Antonio. **Avant-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1995.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1997.
- SILVA, Ana Célia da. “Cidade e patrimônio cultural-apresentação”. In: RUBIM, Antonio Albino C.; ROCHA, Renata. **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010.

### BIBLIOGRAFIA DIGITAL

- BROWN, C. **Por causa de você**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/AhMp9y>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- ELCOTOUR BRASIL. **Salvador é uma festa para os sentidos**: sintá essa cidade! 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/ATtcIU>>. Acesso em: 28 jan. 2016, p.
- FRANCISCO, L. Acarajé é tombado como patrimônio nacional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 dez. 2004. Cotidiano, p. 1. Disponível em: <<https://goo.gl/7TQo0p>>. Acesso em: 05 out. 2015.
- MERCURY, D. **Cidade da música**. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/AhMp9y>>. Acesso em: 22 out. 2016.
- SALVADOR DESTINATION. **Doc. Salvador destination**. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/ATtcIU>>. Acesso em: 28 jan. 2016, p.1
- Vídeo sobre Salvador é considerado racista por internautas. **A Tarde**, Salvador. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/Y5Z91n>>. Acesso em: 20 dez. 2015. ■